

## Projetos Sociais de Música<sup>1</sup>

Daniel Wolff<sup>2</sup>

**Resumo:** A palestra trata das possibilidades de ações de cunho social por parte de estudantes e profissionais da área da música. O foco recai sobre projetos que levam música a hospitais e lares de terceira idade. A apresentação de vídeo que documenta ações desta natureza em países europeus serve de base para uma discussão sobre o tema.

**Palavras-chave:** Música; música em hospitais; Sarau no Hospital; projetos sociais.

**Abstract:** This lecture discusses possibilities for social activities for music students and professional musicians. Focus is given to projects that bring music to hospitals and elderly homes, with the screening of a video documenting such actions in European countries being followed by a discussion of the matter.

**Keywords:** Music; music in hospitals; Sarau no Hospital; social projects

---

<sup>1</sup> Palestra proferida em 07 de novembro de 2012, no VI Simpósio Acadêmico de Violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR-EMBAP) – Curitiba, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Música - DMA - Manhattan School of Music (Nova Iorque, 1998). Professor Associado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

## 1. Introdução

Projetos sociais de música não é minha área de expertise profissional. Tampouco faz parte de minhas linhas de pesquisa. É um tema para o qual fui atraído puramente pelo desejo de contribuir socialmente através de minhas aptidões como músico, bem como pela vontade de transmitir este desejo a meus alunos e colegas.

Portanto, diferente do resto do meu trabalho acadêmico como orientador de graduação, Mestrado e Doutorado, de minhas pesquisas, de meus artigos publicados, para esta palestra não realizei pesquisa segundo metodologia reconhecida e a bibliografia consultada foi bastante reduzida. Grande parte da palestra é baseada simplesmente em minha experiência pessoal.

Pretendo dividir minha apresentação em quatro partes:

- 1) Projetos de cunho social envolvendo estudantes de música, desenvolvidos nos Estados Unidos e Inglaterra;
- 2) *Sarau no Hospital*, projeto de extensão que coordeno na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
- 3) Exibição de excertos de filme sobre o projeto europeu *Músicas nos Hospitais*;
- 4) Discussão com o público, ouvindo relatos de experiências semelhantes já obtidas pelos participantes e fornecendo subsídios para a criação de projetos similares.

## 2. Projetos de cunho social envolvendo estudantes de música, desenvolvidos nos Estados Unidos e Inglaterra.

Durante meus cursos de Mestrado e Doutorado, realizados na Manhattan School of Music de Nova Iorque (bolsas CAPES e CNPq, respectivamente), tomei conhecimento dos projetos de *outreach*. Este termo, que pode ser traduzido literalmente como alcançar, atingir ou estender (o braço), é também usado para designar atividades que proporcionem serviços a populações que, de outra forma, não teriam acesso a eles. Há aqui, portanto, um elemento filantrópico, altruísta.

O programa de *Outreach* da Manhattan School of Music agendava recitais dos alunos em clínicas, hospitais, lares de terceira idade e outras instituições semelhantes. Os alunos recebiam para tal uma ajuda financeira, que permitia não apenas cobrir os custos de deslocamento como também obter um pequeno retorno econômico (um valor modesto, mas não desprezível, principalmente para um estudante).

Além da questão econômica, tais atividades eram interessantes para os alunos por lhes oferecerem oportunidades de performance, onde podiam testar na prática o repertório estudado em aula e, assim, aprimorar-se para concertos futuros. Em minha opinião, Curitiba, Brasil. 04 a 11 de novembro de 2012.

contudo, o maior retorno que um estudante recebia por participar destas apresentações era o sorriso e a empolgação do público.

Eram pessoas que não frequentavam salas de concerto, atividade impensável em sua esfera socioeconômica e cultural. Aliás, a maioria, mesmo que quisesse, não poderia ir a um concerto ou recital, pois estava atrelada a uma cama de hospital ou asilo geriátrico, sem condições de deslocamento para um teatro. Enfim, tratava-se de pessoas cuja situação de vida era, em geral, bastante penosa.

Foi uma surpresa para mim descobrir que, com tão pouco, eu podia contribuir tanto. Só o que eu fazia era ir lá, sozinho ou com algum grupo de câmara, e tocar algumas músicas do meu repertório, em geral agregando alguns comentários explanatórios sobre as obras e os compositores. Só isso! E esta contribuição, aparentemente tão modesta, já alegrava muito aqueles pacientes. Alguns cantavam junto, pediam para tocar alguma música que já tinham ouvido, perguntavam detalhes sobre os instrumentos. Enfim, participavam ativamente. Dava para perceber a mudança no comportamento deles, a melhora no estado de ânimo, comparando como estavam antes e depois da apresentação musical.

Diversas outras instituições de ensino mantêm projetos de *outreach*. A Universidade de Cambridge, na Inglaterra, por exemplo, oferece às comunidades das redondezas diversas possibilidades de interação com os alunos do curso de música. São atividades de cunho educativo ou de estímulo à criatividade, como concertos didáticos e oficinas de criação musical envolvendo diversos membros da comunidade e realizadas em locais variados: escolas, hospitais, museus e praças públicas.

Estes casos, de Cambridge e da Manhattan School of Music, são apenas dois de muitos exemplos de projetos semelhantes oferecidos nos países de língua inglesa.

### **3. Projeto *Sarau no Hospital*: antecedentes**

Quando do meu retorno ao Brasil, após concluir meus cursos de pós-graduação, frequentemente eu pensava na possibilidade de criar, na UFRGS, um projeto nos moldes do que eu havia participado em Nova Iorque. Contudo, estando eu sempre envolvido num sem-número de atividades acadêmicas e artísticas, protelava a ideia, sem, porém, esquecê-la.

Foi quando comecei a perceber atitudes e pensamentos — tanto em mim quanto em outros músicos — que não me pareceram muito positivos. Eram questões de ego, de necessidade de reconhecimento da nossa produção musical, o que, a priori, não considero como algo necessariamente negativo. Afinal, é importante ter nosso trabalho reconhecido; todo artista gosta do aplauso, de uma boa crítica, do sucesso. Contudo, em muitos de nós,

tais sentimentos podem extrapolar o limite do razoável, transformando-se em uma carência de reconhecimento que não raras vezes chega a ser incômoda.

Surgem então preocupações de ordem egoísta: Por que meu nome não é o primeiro mencionado no programa do concerto coletivo? Por que no jornal colocaram só a foto de fulano, e não a minha? Por que o nome de sicrano aparece em tamanho de fonte maior do que o meu no programa ou na imprensa? Por que a crítica deu tanta atenção à atuação de beltrano, mas falou tão pouco de mim?

Não sejamos ingênuos: isto faz parte da natureza humana. Todos nós, em um ou outro momento, podemos ter sentido algo parecido, em maior ou menor grau. Mas quando isto fica intenso e frequente o bastante para tornar-se o nosso principal foco de atenção, algo está errado. Minha preocupação foi que comecei a perceber tais atitudes eventualmente nos alunos, e pareceu-me uma missão importante — enquanto educador — incentivá-los a direcionar seu foco a coisas mais importantes que a arte oferece.

O que nos levou a optar pela carreira musical? Não é uma pergunta simples de responder e não tenho a pretensão de fazê-lo aqui. Proponho tal questionamento apenas como uma forma de recordar — em cada um de nós — como se deu o início da prática musical. Confesso que a maioria das respostas que tive para esta questão, feita informalmente a muitos alunos, foi bastante similar. Quase todos iniciaram — ou seguiram — o estudo musical porque queriam, pura e simplesmente, fazer música. O prazer proporcionado por criar, compor, extrair os sons desejados do instrumento de nossa escolha, era o bastante. Isto já os preenchia. E parece-me que, para a felicidade e realização do músico, é muito importante ter tal sentimento sempre presente, ao longo de toda a carreira.

Somos de certa forma privilegiados, quando optamos pela música como profissão: estamos escolhendo fazer aquilo que gostamos, que amamos. E aceitamos, para tal fim, uma carreira que é muitas vezes mais incerta, financeiramente, do que outras profissões mais tradicionais ou com mais opções no mercado de trabalho.

Porém, com o tempo, nem sempre é fácil ater-nos a esta escolha, ou recordar os motivos que nos levaram a fazê-la. Nos envolvemos com outras atividades inerentes à profissão que não são exatamente aquelas que nos proporcionavam o prazer inicial de fazer música. Isto varia de um indivíduo para outro. Para uns são as escalas ou os “entediamentos” exercícios de técnica, para outros os “desnecessários” trabalhos escritos para esta ou aquela disciplina da faculdade, ou o repertório que não se quer tocar mas é exigido pelo público do boteco onde tocamos à noite para ganhar a subsistência, ou as aulas particulares em número excessivo — necessárias para sustentar a família, mas que não nos deixam tempo e energia para dedicar-nos ao fazer musical que realmente almejamos.

Mesmo músicos que atingiram a estabilidade através de um cargo público — hoje em dia por tantos almejado — sofrem de problemas semelhantes. Na universidade, é a pressão por produzir e publicar mais, é a alta carga de trabalhos administrativos e burocráticos, é a infra-estrutura precária, a falta de espaço físico e de um maior corpo docente. Já nas orquestras, são os longos ensaios, o número excessivo de concertos, as viagens para tocar em condições inapropriadas, etc.

Naturalmente, reclamar também faz parte da natureza humana. Mesmo músicos que atingiram os mais altos graus de sucesso e reconhecimento, reclamam de suas condições de trabalho. Os *Beatles*, em diversas entrevistas, mencionaram como eram exaustivas as turnês e mesmo muitas das sessões de gravação. Num premiado documentário sobre sua vida, Paco de Lucia comenta em tom melancólico, logo antes do início de uma turnê internacional: “acabou a boa vida; vai recomeçar aquela rotina de aeroportos, hotéis,...”. No filme *Mahler* (1974), de Ken Russell, sobre a vida do genial compositor, quando perguntam ao personagem título qual sua atividade preferida, reger ou compor, ele responde: “eu rejo para viver, e vivo para compor.” Ele só encontrava tempo para compor nas férias de verão.

É em momentos de insatisfação, como os relatados acima, que as questões de ego tendem a se sobrepor às artísticas. Como já dito, comecei a perceber que tais problemas se manifestavam muito cedo entre os alunos, já nos primeiros semestres da faculdade, ou mesmo antes. Minha primeira tentativa para ajudar — tanto a mim quanto aos alunos — a sanar estes problemas, foi buscar resgatar aqueles primeiros sentimentos que todos tivemos em relação ao fazer musical, quando a música era para nós ainda um *hobby*: um sentimento prazeroso, de entrega, durante o qual não se percebe a passagem do tempo. Contudo, isto não foi suficiente; não é tarefa simples resgatar e manter acesa esta chama inicial em meio a tantas atividades e demandas do dia a dia. Foi quando pensei em criar o *Sarau no Hospital*.

#### **4. Projeto *Sarau no Hospital***

Criado em 2006, o projeto *Sarau no Hospital*<sup>3</sup> tem o intuito de incentivar alunos e professores do Departamento de Música e do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS a ministrar recitais e oficinas de música aos pacientes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). A iniciativa, desenvolvida como um projeto de extensão da UFRGS,

---

<sup>3</sup> O site do projeto está disponível em: <http://www.danielwolff.com.br/sarau.htm>. Acesso em: 03 de dezembro de 2012.

insere-se nas atividades lúdico-terapêuticas<sup>4</sup> do HCPA e visa beneficiar pacientes das mais diversas áreas médicas.

A escolha do HCPA se deu por diversos fatores:

- 1) é o hospital vinculado à Faculdade de Medicina da UFRGS;
- 2) é um hospital de referência no sul do país, com atendimento em cerca de 60 especialidades, tanto para pacientes particulares como pelo Sistema Único de Saúde – SUS;
- 3) está localizado próximo ao centro da cidade, sendo de fácil acesso;
- 4) possui excelente serviço de recreação terapêutica em funcionamento, que permite uma melhor organização das atividades musicais.

Nos seus seis anos de existência, o projeto já beneficiou mais de 3000 pacientes do HCPA, recebendo em 2009 o Prêmio Açorianos de Música da Prefeitura de Porto Alegre. As apresentações contaram com variadas formações instrumentais: recitais solo, duos, trios, quartetos e corais. Diversos setores do hospital foram beneficiados, tais como a pediatria, oncopediatria, Unidade Básica de Saúde e Centro de Atenção Psicossocial. Estamos agora expandindo o projeto para uma nova unidade do HCPA, dedicada ao tratamento de viciados em crack e outras drogas.

Os objetivos principais do Sarau no Hospital são:

- 1) melhorar a qualidade da estadia dos pacientes no HCPA, através da integração destes com a música e
- 2) incentivar o senso de responsabilidade social dos estudantes de música.

Uma diferença fundamental entre o *Sarau no Hospital* e os projetos de *outreach* mencionados acima é que a participação no Sarau no Hospital é feita *pro bono*, i. e., os participantes não recebem remuneração ou ajuda de custo. O objetivo é fazer com que o músico encare sua participação no projeto como uma atividade filantrópica, para a qual ele vai doar não apenas o seu tempo e talento, como também eventuais despesas de menor porte, como o custo de deslocamento para o hospital. Por tal razão, a participação no *Sarau no Hospital* é totalmente facultativa, não influenciando em absoluto na avaliação acadêmica dos alunos.

Os resultados observados até o momento são estimulantes. De maneira geral, os alunos, após participarem do projeto, passaram a preocupar-se menos com questões relativas ao ego, tornando-se mais suscetíveis a prestar assistência aos outros. Melhoraram também a autoestima, ao perceber o poder que têm de levar alívio e alegria aos pacientes. Por fim, alguns apresentaram uma redução do medo de palco; suspeito que o observar de perto os problemas de saúde dos pacientes tenha-os ajudado a colocar seus próprios

---

<sup>4</sup> Cabe aqui uma ressalva: As atividades do *Sarau no Hospital* não constituem musicoterapia, nem mesmo devem ser consideradas como atividades terapêuticas, apesar de que resultados terapêuticos foram observados, Curitiba, Brasil. 04 a 11 de novembro de 2012.

problemas em perspectiva e, ao atribuir menor importância ao *stage fright*, este teve sua manifestação inibida ou mesmo suprimida.

Quanto aos pacientes, além dos comentários positivos ouvidos diretamente deles, os relatos das enfermeiras indicam que os mesmos sofrem menos após as apresentações. O que me leva a relatar um caso em particular.

Entre 2007 e 2008, realizei estágio de pós-doutorado como Professor Visitante da Universidade de Arte de Berlim (UdK). Durante minha residência na capital alemã, logrei criar o *Musik im Krankenhaus* (do alemão, Música no Hospital), um projeto semelhante ao *Sarau no Hospital*, realizado no hospital Elisabeth Klinik em conjunto com a UdK. Após as primeiras apresentações, o diretor administrativo do Elisabeth Klinik confessou-me que, no princípio, as enfermeiras haviam sido contra a realização do projeto, temendo que as atividades musicais fossem gerar uma maior quantidade de trabalho para elas. Contudo, o que elas observaram na prática foi exatamente o contrário: durante — e mesmo após — as apresentações, o número de chamados dos pacientes caía consideravelmente. A música propiciava a eles tal alívio e distração, que a presença das enfermeiras tornava-se menos necessária.

Transcrevo a seguir trechos de depoimentos de pessoas vinculadas ao *Sarau no Hospital*, relatando o efeito que as atividades do projeto têm sobre os pacientes:

Esta [Sarau no Hospital] é a primeira atividade musical desenvolvida no Hospital de Clínicas.

Este projeto [...] extrapola seus objetivos culturais e lúdicos e assume status de instrumento terapêutico, reabilitando e transformando ambientes e realidades, um verdadeiro remédio do qual não se pode prescindir quando o assunto é saúde e vida.

O impacto pode ser percebido no estado anímico dos pacientes. Há casos de pacientes em estado apático que, com as atividades do *Sarau no Hospital*, passam a interagir com os outros. Há também uma melhoria no ambiente hospitalar, tradicionalmente ansiogênico que, com as atividades do projeto, torna-se mais agradável e criativo.

REGINA SIKILLERO, Chefe do Serviço e Recreação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (grifo da autora)<sup>5</sup>

Particpei do Projeto Sarau no Hospital por quatro semestres, sendo que considero a experiência como muito importante. Trabalhei na Recreação Pediátrica e na Oncopediatria, uma vez que também desenvolvo projeto na Universidade de Música para Bebês, e percebemos nas crianças reações muito positivas, também nos pais e na equipe. As crianças riam, cantavam, dançavam, tocavam instrumentos musicais (de percussão) [...] Pude ver como uma atividade como a do *Sarau no Hospital* pode significar uma mudança de postura de um paciente diante de sua doença, uma vez que tem oportunidade de contato com algo que lhe dá grande prazer. [...] No caso das crianças, altera inclusive a dinâmica familiar, pois seus pais

---

como veremos abaixo. A musicoterapia, assim como qualquer outra atividade terapêutica, deve ser administrada apenas por profissionais qualificados.

<sup>5</sup> SIKILLERO, Regina. Depoimento firmado para edital do Ministério da Cultura. 19 set. 2008.

e familiares [...] podem encontrar na música um refúgio para sua situação difícil.

Além disso, gostaria de pontuar que o envolvimento de alunos da Graduação no trabalho é muito relevante, pois permite a eles desenvolverem uma dimensão de sua formação, que poucas disciplinas curriculares o farão: a responsabilidade social e seu envolvimento com projetos que atinjam a comunidade que mais precisa de assistência. [...] Considero esta uma experiência indispensável a meus alunos de graduação, para que também saibam ver melhor a dimensão humana em sua futura vida profissional, [...]

Profa. Dra. ESTHER BEYER, Depto. de Música da UFRGS, Coordenadora do projeto *Música para Bebês*<sup>6</sup>

“A gente foi cantando pelos corredores. Muito emocionante ver a reação das pessoas. Vimos na expressão das pessoas a gratidão pelo nosso canto, ele tocava cada pessoa de uma forma diferente. Os internos pedindo que entrássemos nos quartos para cantar lá. O difícil é conseguir cantar o tempo todo, pois assim como eles se emocionam, nós também, e muito... Lá pelas tantas sumiu o naipe de sopranos... todas com a voz embargada. Esse projeto é muito importante para o Hospital, seus pacientes e familiares. É uma forma de levar vida e alegria a um local de dores e morte. Um carinho na alma e nos corações de todos... de quem ouve e de quem canta ou toca.”

DEISI COCCARO, integrante do Madrigal do Departamento de Música.<sup>7</sup>

Este último depoimento demonstra bem como o *Sarau no Hospital* afeta emocionalmente não apenas os pacientes, como também os músicos participantes. Alguns dos alunos, após sua participação, por iniciativa própria, começaram a fazer apresentações gratuitas em outros locais, como clínicas, creches e lares da terceira idade. Este é outro importante objetivo do *Sarau no Hospital*: incentivar a criação de iniciativas semelhantes em outras instituições.

Para tal fim, tenho difundido o projeto por meio de palestras, mesas redondas e mesmo em mídias sociais. Num primeiro momento, uma comunidade foi criada no *Orkut* para que os participantes pudessem postar depoimentos e trocar informações. Atualmente, o *Sarau no Hospital* possui um grupo no *Facebook*, onde são postadas fotos e relatos das atividades. A divulgação nas mídias sociais, feita por bolsista de extensão destinado ao projeto, tem sido um importante veículo para atrair novos participantes e incentivar a criação de iniciativas semelhantes em outras instituições do país, para os quais ofereço assessoria gratuita.

---

<sup>6</sup> BEYER, Esther. Depoimento firmado para edital do Ministério da Cultura. 18 set. 2008.

<sup>7</sup> COCCARO, Deisi. Depoimento pessoal de 03 jun. 2007. Disponível em <<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=2531612526396119184&cmm=32172653&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 set 2008.

Os resultados obtidos no *Sarau no Hospital* são corroborados pela crescente literatura sobre os efeitos terapêuticos da música. Nos Estados Unidos, desde a primeira guerra mundial, os hospitais de veteranos de guerra contratavam músicos como ajuda terapêutica<sup>8</sup> Hoje, já se sabe que a música pode ajudar pacientes de qualquer faixa etária, incluindo crianças:

Com frequência, a criança hospitalizada tem consciência de sua falta de desenvolvimento e da sua limitação; [isto] afeta diretamente a sua autoestima. Mas com a música, ao ver que podem realizar as mesmas atividades que seus companheiros: cantar, tocar algum instrumento, sentem uma grande satisfação e começam a considerar-se membros do grupo, integrando-se plenamente a ele.<sup>9</sup>

Ferreira afirma que “são visíveis os benefícios terapêuticos da música tanto para a criança quanto para o adulto. [...] a intervenção musical traz benefícios tanto fisiológicos quanto psicológicos para indivíduos em qualquer faixa etária e pode se constituir em um recurso eficaz para qualificar o cuidado à criança hospitalizada.”<sup>10</sup>

Com tais evidências, não são de surpreender os resultados positivos obtidos pelo *Sarau no Hospital*, que também mereceu atenção da imprensa. O jornalista Humberto Trezzi descreveu o impacto do projeto em matéria publicada no jornal Zero Hora, de 12 de maio de 2006:

As gestantes chegaram devagar, sorrisos tímidos [...] Depois vieram enfermeiros, técnicos, médicos. Crianças recém-nascidas e outras já crescidas encorpam o cortejo de espectadores. Aos poucos, o nono andar do Hospital de Clínicas de Porto Alegre foi contagiado pela música erudita do quarteto de saxofonistas.<sup>11</sup>

Uma paciente de 26 anos, entrevistada por Trezzi na ocasião, disse estar maravilhada com o espetáculo, e comentou: “Alivia a dor.” De fato, segundo Ferreira, os resultados de intervenções musicais incluem redução e controle da dor, redução da ansiedade e de comportamentos agressivos, relaxamento, redução de náuseas e vômitos, melhora nos parâmetros vitais, diminuição do medo e sofrimento, indução do sono, entre outros, além da satisfação dos familiares com o cuidado prestado.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> SERRADAS FONSECA, Marian. La música como medio de expresión del niño hospitalizado. *Educere*, Meridad (Venezuela), v. 10, n. 32, mar. 2006, p. 36.

<sup>9</sup> SERRADAS FONSECA, Marian. La música como medio de expresión del niño hospitalizado. *Educere*, Meridad (Venezuela), v. 10, n. 32, mar. 2006, p. 38. Tradução nossa.

<sup>10</sup> FERREIRA, Caroline Cristina Moreira et al. A música como recurso no cuidado à criança hospitalizada: uma intervenção possível? *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 59, n. 5, out. 2006, p. 692.

<sup>11</sup> TREZZI, Humberto. Música erudita alegra pacientes no Clínicas. *Zero Hora*, Porto Alegre, 12 mai. 2006, p. 62.

<sup>12</sup> FERREIRA, Caroline Cristina Moreira et al. A música como recurso no cuidado à criança hospitalizada: uma intervenção possível? *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 59, n. 5, out. 2006, p. 692.

**5. Exibição de excertos do filme *Música em hospitais e instituições de idosos: uma experiência europeia*.**

Em 2011, em uma aula sobre projetos sociais de música que ministrei como parte da disciplina de Tópicos Especiais, no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, apresentei aos alunos trechos por mim selecionados de um filme demonstrando o trabalho de músicos europeus especialmente treinados para atuar em hospitais e lares geriátricos. Trata-se do documentário *Música em hospitais e instituições de idosos: uma experiência europeia*<sup>13</sup> (2003), de Luiz Fernando Santoro e Victor Flusser, filmado na França, Portugal e Espanha.

O objetivo foi demonstrar aos alunos a importância que a música pode adquirir para pessoas institucionalizadas. A reação positiva dos pacientes, claramente visível em diversas cenas do documentário, é um excelente incentivo aos alunos para que se engajem em atividades sociais semelhantes.

Os músicos que aparecem no filme receberam um ano de treinamento no Centro de Formação de Músicos Atuantes da Universidade Marc Bloch (França) para poder atuar em hospitais. A iniciativa é coordenada pelo Dr. Victor Flusser, que afirma:

Embora desvinculados da responsabilidade de curar, cuidar ou, mais precisamente da obtenção de quaisquer efeitos terapêuticos (embora cientificamente evidenciáveis), esses músicos atuam verdadeiramente como agentes de promoção da saúde, [...] visto que a promoção da saúde não é restrita aos profissionais da área, mas sim, é responsabilidade de cada cidadão no âmbito de sua atuação profissional, se concebermos a saúde como um bem socialmente compartilhado e sobre o qual cada ser humano tem sua parcela de contribuição em relação ao outro.<sup>14</sup>

Em artigo citando relatos de músicos participantes do projeto, encontramos o seguinte depoimento, que demonstra a importância que tais atividades têm para os músicos: “A experiência de levar música a idosos institucionalizados é qualquer coisa de extraordinário. [...] é bastante gratificante do ponto de vista humano. Eu descobri um outro modo de fazer música.” Em outro relato, lemos que “quando [os idosos institucionalizados] tocam conosco, quando cantam e participam como sabem e como os seus corpos e mentes permitem, não há idade nesse momento! Não há dor, não há limites e já não há tempo! Há somente o estar naquele momento de música e relacionamento. Há a pessoa!”<sup>15</sup>

Fica assim demonstrado, tanto por estes relatos, quanto por aqueles feitos pelos participantes do *Sarau no Hospital*, que o uso da música como ferramenta lúdico-terapêutica

---

<sup>13</sup> Título original: *Musique en institutions pour personnes âgées*.

<sup>14</sup> LEÃO, Eliseth Ribeiro; FLUSSER, Victor. Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 42, n. 1, mar. 2008, p. 75.

<sup>15</sup> LEÃO, Eliseth Ribeiro; FLUSSER, Victor. Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 42, n. 1, mar. 2008, p. 76-77.

traz benefícios não apenas para os pacientes contemplados, como também para os músicos, que têm nesta rica experiência uma fonte de inspiração para desenvolver-se como profissionais e para melhor poder contribuir com a sociedade.

## **6. Discussão com o público**

Para concluir a palestra, foi promovido um debate com o público, na qual vários dos presentes relataram suas experiências pessoais em atividades de cunho social semelhantes às acima apresentadas. Espera-se que a troca de informações realizadas possa fornecer subsídios para a criação de projetos similares ao *Sarau no Hospital*.

## Referências

BEYER, Esther. Depoimento firmado para edital do Ministério da Cultura. 18 set. 2008.

COCCARO, Deisi. Depoimento pessoal de 03 jun. 2007. Disponível em <<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=2531612526396119184&cmm=32172653&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 set 2008.

FERREIRA, Caroline Cristina Moreira; REMEDI, Patrícia Pereira; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. A música como recurso no cuidado à criança hospitalizada: uma intervenção possível? Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 59, n. 5, p. 689-93, out. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000500018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000500018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 dez. 2012.

LEÃO, Eliseth Ribeiro; FLUSSER, Victor. Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 73-80, mar. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 dez. 2012.

SERRADAS FONSECA, Marian. La música como medio de expresión del niño hospitalizado. Educere, Meridad (Venezuela), v. 10, n. 32, p. 35-42, mar. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1316-49102006000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-49102006000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 dez. 2012.

SIKILLERO, Regina. Depoimento firmado para edital do Ministério da Cultura. 19 set. 2008.

TREZZI, Humberto. Música erudita alegra pacientes no Clínicas. Zero Hora, Porto Alegre, p. 62, 12 mai. 2006.

## FILMES

Francisco Sánchez: Paco de Lucía. Dir. Jesús de Diego e Daniel Hernández. Universal Music Spain. 2002. (Documentário).

Mahler. Dir. Ken Russell. Inglaterra. Goodtimes Enterprises. 1974. Lume Filmes. (Biografia).

Musique en institutions pour personnes âgées. Dir. Luiz Fernando Santoro e Victor Flusser. França/Brasil. 2003. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=RcA6hg8ZIBQ>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

### SITES CONSULTADOS

MANHATTAN SCHOOL OF MUSIC – Outreach. Disponível em: <<http://www.msmyc.edu/Instruction-Faculty/Outreach>>. Acesso em: 3 dez. 2012.

SARAU NO HOSPITAL. Disponível em: <<http://www.danielwolff.com.br/sarau.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

SARAU NO HOSPITAL (comunidade no Orkut). Disponível em: <<http://www.orkut.com/Main#Community.aspx?cmm=32172653>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

SARAU NO HOSPITAL (grupo no Facebook). Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/225289514157779/>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

UNIVERSITY OF CAMBRIDGE – Cambridge Music Education Outreach. Disponível em: <<http://www.mus.cam.ac.uk/outreach/>>. Acesso em: 03 dez. 2012.